

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Instituto de Letras
Monografia

**O Donjuanismo na poesia de
Florbela Espanca:
“Amar, amar e não amar ninguém!”**

Trabalho apresentado como requisito parcial
para conclusão do curso de Licenciatura em
Letras.

Orientadora: Profa. Elisabete Peiruque

PATRÍCIA ARAGÃO

Porto Alegre, 2004

SUMÁRIO

Introdução	07
------------------	----

CAPÍTULO I

A eterna busca pelo amor ideal do <i>Don Juan</i> que habita Florbela: “Viste o Amor acaso em teu caminho?”	01
---	----

CAPÍTULO II

O erotismo em Flor: “Deixa dizer-te os lindos versos raros que foram feitos pra te endoidecer!”	01
---	----

CAPÍTULO III

O Narcisismo em Bela: “Lembro-me de que fui a primavera que em muros velhos faz nascer as rosas!”	01
---	----

Considerações Finais	01
----------------------------	----

Referências Bibliográficas	01
----------------------------------	----

INTRODUÇÃO

E vos, Tágides minhas, pois criado / Tendes em mi hum novo engenho ardente / Se sempre que em verso humilde celebrado / ... / Dai-me agora hum som alto e sublimado (I) / ... / Agora tu, Calliope, me ensina / Inspira Immortal canto e voz divina! (III) - Os Lusíadas.

Assim se dirige Camões às ninfas inspiradoras para escrever uma obra que em grandeza corresponda às navegações dos portugueses. Da mesma forma, este estudo as invoca para falar de um tema imperioso: o Amor - *Sem vos, Ninfas do Tejo e do Mondego, / Por caminho tão árduo, longo e vario! / Vosso favor invoco... (VII).*

Em determinadas ocasiões de nossas vidas, relemos os nossos poetas favoritos e, até mesmo, ousamos escrever alguns versos. Este estudo é um instrumento de reflexão sobre valores e aspirações humanas no que se refere ao sentimento amoroso, vistos através da obra da poetisa Florbela Espanca, denominados pelo crítico e poeta José Régio como *donjuanismo*. No entanto, o que propõe este trabalho é uma releitura da concepção do termo utilizado pelo autor, tratando-o como uma marca de humanidade. Seríamos todos “*Don Juans*” ao desejarmos o Outro?

O tema se tornou alvo da literatura universal, começando pelo Frei Gabriel Telléz, conhecido no mundo literário como Tirso de Molina, em “*El Burlador de Sevilla*” (1630), passando por Molière (1665) e por José Zorrilla, que escreveu no século XIX a peça “*Don Juan Tenório*”.

Gregorio Marañón, em seu ensaio sobre o *Don Juan*, assinala que a palavra *donjuanismo* teve origem por volta de 1886, transformando o mito literário em uma modalidade de amor humano, em uma maneira de encontrar o amor por meio de diversas

experiências. Afirma que *Juan* significa “el nombre que evoca... amado de las mujeres, siempre cerca de ellas; el de rostro femenino y los largos cabellos”, ao mesmo tempo que *Tenorio* é o “que quiere decir *tener y poseer*” (MARAÑÓN, 1974:81). Em outras palavras, o nome *Don Juan* é insubstituível e por isto nenhum poeta ou dramaturgo se atreveu a trocá-lo, transformando-se, assim, em um eterno personagem.

Através dos sonetos de Florbela Espanca, podemos perceber como o *Don Juan* que a habita irá manifestar seus sentimentos. A poesia assume o importante papel de exteriorizar o que há guardado no coração da poetisa através das obras *Livro de Mágoas* (1919), *Livro de Soror Saudade* (1923), *Charneca em Flor* (1930) e *Reliquiae* (1931). O livro *A Mensageira das Violetas* (1999), editado por Sérgio Faraco, servirá de apoio ao trabalho, uma vez que reúne grande parte dos sonetos de Florbela.

Assim como Agustina Bessa-Luís, a chamaremos carinhosamente de Bela ou, ainda, de Flor durante os três capítulos que constituem esta reflexão. O primeiro se caracteriza por apresentar uma visão generalizada sobre o tema *donjuanismo*, partindo, principalmente, das sensações que a leitura dos poemas causa no leitor e da base teórica de importantes autores, tais como Agustina e Régio - como já foram citados - e, entre outros, Edgar Morin e Octavio Paz, com suas concepções sobre o amor e a poesia.

A eterna busca pelo amor ideal pode ser vista de forma intensa nas palavras da poetisa, algo naturalmente humano, mas que nem todos se atrevem a exteriorizar – ser poeta “...é dizê-lo cantando a toda a gente!” (Ser Poeta, 1930). Apesar de não nos expressarmos em poesia como o fez Florbela Espanca, vivemos a procura pela dádiva de um Outro que nos completará. O *donjuanismo*, no sentido de marca humana, é uma característica que pode nos acompanhar até a morte.

De fato, o Eu almeja encontrar um amor e para isto passa por distintas experiências. Este mesmo Eu remete a todo ser humano: alguém que deseja unir-se com um outro alguém, formar uma família, dar à luz um filho, enfim, simplesmente “Viver!... Beber o vento e o sol!... / Erguer aos Céus os corações a palpitar!” (Exaltação, 1923). Contudo, às vezes, não encontramos um ser especial para compartilhar a vida e partimos sempre em direção a uma nova procura, com a esperança de transformar a tristeza do desencontro em realização afetiva.

O trem que parte é o mesmo que chega, e o encontro se assemelha à despedida... todos os dias é um vai e vem... chegar e partir são dois lados da mesma viagem, canta Milton Nascimento: “mande notícias do mundo de lá, diz quem fica... me dê um abraço, venha me apertar, to chegando... a hora do encontro é também despedida!” (Encontros e Despedidas). Alguns partem para não mais voltar, enquanto outros se vão e apenas pensam no retorno. “Tem gente que vem e quer voltar, tem gente que vai e quer ficar, tem gente que veio só olhar, tem gente a sorrir e a chorar”... É a vida.

Estar vivo é algo distinto de sentir-se vivo. Há seres que vagam pelos caminhos buscando um grande amor e não o encontram. Amar e sentir-se amado é tão vital quanto a existência da alma que sustenta o corpo: um sem o outro não forma um ser. Quando a ausência está presente, destrói o sorriso mais puro de alegria. Esta ausência chama-se solidão: dor profunda, medo, incompletude, escuridão. Ser sozinho é estar vivo, mas não, viver.

O *donjuanismo* pode ser visto por ângulos distintos: em alguns casos o *Don Juan* é considerado como um conquistador, um ser que engana e vive da sedução, que parte sem sentir dor porque lhe é indiferente a existência do Outro; por outro lado - e este estudo sustenta que é o caso de Florbela Espanca - pode ser visto, conforme já se afirmou, como

uma característica do ser humano, ávido pelo seu direito de amar intensamente. Contudo, o que ocorre é que ele não encontra no Outro o amor que o satisfaça e sempre tem que partir. A sua partida é necessária, pois não há como permanecer em uma relação falsa, vazia. Partir dói porque representa uma tentativa de amar que fracassou: a busca há de continuar, não pelo prazer de conquistar, mas pela necessidade de amor.

Guardamos no coração as marcas que as experiências – ou a falta delas – nos deixaram, seja de tristeza e desilusão, de crescimento ou realização, entre infinitas outras. Somente o Eu poderá sentir a presença de suas feridas e cicatrizes, e Bela transformou as palavras em uma maneira de gritar ao mundo a sua dor por não conseguir encontrar algo que sacie a sua necessidade: o que a diferencia dos outros “Eus”. Vivemos, portanto desejamos o amor.

Ser um *Don Juan*, no sentido contrário ao mito e ao de José Régio em relação a Florbela Espanca, é extremamente humano, pois buscar um verdadeiro amor está no destino dos seres. Entretanto, esta procura, quando obsessiva, transgride o saudável e torna-se doentio. O Outro se transforma em uma obsessão, deixando de significar sinônimo de felicidade e revitalização. A linha que divide o sadio e o não-sadio é bastante tênue, uma vez que ambos são intensos.

Tão humano quanto o *donjuanismo* é o *erotismo* que permeia as palavras de Flor, assumindo a função de instrumento de sedução. A sensualidade dos versos de Bela encanta e seduz os sentimentos de quem os lê e torna-se impossível não mencionar seu caráter erótico. Há um erotismo que transforma a vida em poesia... ou poesia em vida. A palavra “erótico”, que surge do termo *erotikós*, referente ao amor, deriva de Eros e do mito que aspira, como diz Bocalato (1996), a explicar a transformação da sexualidade animal no amor humano. A psicanálise, posteriormente, denomina o Deus do Amor como símbolo da

vida e do desejo, energizado pela libido. Neste segundo capítulo, serão utilizados, também, uma pequena parte de “O Banquete”, de Platão e a obra de Marisa Boccalato.

Uma vez que se trata de uma obra com tom confessional, os seus dados biográficos serviram como base para a compreensão de dois dos termos atribuídos por José Régio a Florbela: o *donjuanismo* e o narcisismo. O terceiro termo utilizado por Régio, o hermafroditismo, que não será visto neste trabalho, corresponde a sua visão de que habita em Florbela o masculino e o feminino, simultaneamente, devido ao seu *donjuanismo*. De certa forma, a expressão equivale à linha norteadora deste estudo que aborda a duplicidade existente na poetisa.

No entanto, o objetivo deste estudo não é apresentar a cronologia da vida da autora, assim como o fez Agustina Bessa-Luís (1984), mas perceber como o *Don Juan* se manifesta em seus sonetos: buscar um amor é algo demasiado humano.

Por fim, na tentativa de explorar um pouco mais o que há no interior de Florbela, o mito de Narciso será abordado através de Pierre Grimal (1997) no capítulo 3. Diferente das outras duas características, o *donjuanismo* e o *erotismo*, o *narcisismo* se caracteriza por não ser comum a todo e qualquer ser humano: o “Eu” de Bela mergulha no lago de Narciso, pois “Ser poeta é ser mais alto, é ser maior / Do que os homens! Morder como quem beija! / ... / É ter de mil desejos o esplendor / E não saber sequer que se deseja! / É ter cá dentro um astro que flameja, / É ter garras e asas de condor! / É ter fome, é ter sede de infinito! / ... / É condensar o mundo num só grito!” (Ser Poeta, 1930).

CAPÍTULO I

A eterna busca pelo amor ideal do *Don Juan* que habita Florbela:

“Viste o Amor acaso em teu caminho?”

Sem o amor verdadeiro, substância da alma, a vida passa a ser um simples vagar pelos caminhos: o olhar se torna opaco a ponto de as outras pessoas perceberem o mar de tristeza que habita o ser que não tem amor, que não ama e não é amado. A dor se espalha e, ao invés do brilho, a opacidade; ao invés dos raios de sol, uma nuvem cinzenta que o acompanha, fazendo chover dentro de seus olhos obscuros. Chove e faz frio dentro do coração solitário.

O amor é visto, na obra de Florbela Espanca, como essência de vida: antes de se buscar um alguém em especial, busca-se viver um amor: “Minh’alma sem amor é cinza e pó” (Hora que passa, 1923). Esta fonte de vida, o amor, é o objeto de uma procura interminável que recomeça a cada manhã junto ao ser, dominado pelo sentimento de dor e vazio. Vaga pelas mais belas paisagens, é iluminado pelo sol, descansa à sombra das árvores enquanto escuta o som dos pássaros. Contudo, mesmo diante de tanta beleza, a dor da solidão jamais se dissolve, apenas adormece na escuridão da “Noite alta, noite escura, noite morta” (Silêncio, 1931), permanecendo no interior do ser que busca – e não encontra – despertando novamente ao raiar do dia. A solidão dorme e acorda no interior daquele que busca um amor e não o encontra, assemelhando-se à dor de uma morte lenta.

Florbela retrata seus sentimentos através de versos carregados de sensualidade feminina – “Deixa dizer-te os lindos versos raros, / Que a minha boca tem pra te dizer!” (Os versos que te fiz, 1923) – em que podemos perceber parte de sua visão de mundo. A poetisa

declara uma realidade de *Don Juan*, um mito masculino que, em seu universo, toma forma feminina.

Percebemos uma desilusão que anda de mãos dadas com a procura, com o sonho e o idealizado e percebemos, além disto, que buscar significa esforçar-se por achar, para obter e, ao mesmo tempo, fazer uma seleção, escolher; ser atraído por alguém especial, tentar atrair. Buscar é uma luta, uma demanda.

O “Dicionário de Mitos Literários” traz a afirmação de que o *Don Juan* é um personagem caracterizado pelo “desejo do infinito, a sede do que é impossível atingir” (BRUNEL, 1997:259): um ser de alma altiva e exigente, cujas aspirações são muito elevadas – “Nunca se encontra Aquele que se espera” (Prince Charmant, 1923).

O Poema “Amar” contém os versos de Florbela Espanca que mais evidenciam a presença do *donjuanismo* em sua obra, no sentido que lhe atribui José Régio: “Eu quero amar, amar perdidamente! / Amar só por amar: Aqui... além... / Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente... / Amar! Amar! E não amar ninguém!”. São palavras que incitam a reflexão do leitor acerca da concepção de amor. Amar Este e Aquele significa, na verdade, não amar ninguém. São momentos intensos vividos com pessoas distintas – no caso, com homens distintos – que ficam no meio do caminho, não seguindo adiante. Desfruta-se de uma sensação marcante no âmbito da sexualidade e do prazer; o “Outro” ou “toda a gente”, no entanto, não será o amor verdadeiro com quem se divide uma vida.

Vejamos, a seguir, o poema da obra *Charneca em Flor* (1930):



Amar

*Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!*

*Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!*

*Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!*

*E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...*

Por outro lado, o soneto permite a seguinte leitura: Procurar! Procurar! E não encontrar ninguém! Há uma tentativa de amar Este, que fracassa e, então, a Bela Flor parte para uma outra busca desejando amar Aquele, não encontrando a plenitude novamente, fazendo-se necessário amar toda a gente. A conquista do Outro não ocorre pelo simples prazer da sedução, mas pela necessidade de amor: amar só pelo amor... aqui ou além.

Não basta apenas compartilhar a vida: a ânsia é mais intensa, pois este amor tão desejado se torna o motivo de sua existência. Florbela existe – vive – se ama e é amada. Amar sem ser amada é viver pela metade, é esperar pela morte – “Não és sequer razão do meu viver, / Pois que tu és já toda a minha vida!” (*Fanatismo*, 1923). A Flor necessita de sombra e sol, água e amor, para poder se manter Bela em seu jardim – “Toda eu sou... um jardim, um pátio alucinante de Granada!” (*Blasfêmia*, 1931). O amor é tão vital quanto a água, assim como a sombra é tão essencial quanto o sol: somente desta maneira existirá uma Flor Bela. Serão estes aspectos valores simplesmente humanos ou uma tentativa de sedução pela sedução? O *donjuanismo* de Bela aspira a iludir o Outro e partir?

O poema “Amar” remete o leitor a diversos sentidos. Octavio Paz, em “O Arco e a Lira”, afirma, poeticamente, que o leitor busca algo ao ler um poema e encontra, uma vez que o trazia dentro de si (1981:29). Em outras palavras, o segredo do poema será desvendado de acordo com a perspectiva de cada leitor, desde que não ultrapasse suas fronteiras, com as experiências de vida que carrega consigo. Quando ele se depara com versos que dizem “Recordar? Esquecer? Indiferente!” pode ou não se dar conta dos diversos significados aos quais a expressão poética remete. A palavra *indiferente* sugere uma idéia de falta de importância.

Saber se perder para se encontrar – “Que me saiba perder... pra me encontrar...” – pode significar saber se desprender de um amor que partiu para estar aberta a um novo amor que surgirá, uma vez que, se ele se foi, não há nada a ser feito: recordar ou esquecer? É indiferente, pois nada poderá ser feito e não porque o ser deixou de ser amado: partiu e não voltará. Quando o Outro não corresponde ao amor do Eu, não há o que mude seus sentimentos. “Este querer-te bem sem me queres, / Este sofrer por ti constantemente” (O Maior Bem, 1931), são versos que demonstram a resignação de Bela.

O vazio pode ser fruto de amores que se foram e levaram consigo um pedaço do ser que ama. Entretanto, o ser amado que partiu certamente deixou algo de si, seja positivo ou negativo. Os sentimentos não são submissos à razão. Lembrar ou esquecer? Não será a razão quem decidirá. Ela não tem este poder. O corpo suplica pelo ser amado, pelo príncipe encantado.

Uma vez incitada a reflexão, nos damos conta de que o poema permite vários níveis de leitura: amar o outro e toda a gente pode significar o amor por um homem, mas também o amor pelo amor, ou, ainda, o amor universal entre pais e filhos – “E eu quero bem a tudo,

a toda a gente... / Ando a amar assim, perdidamente, / A acalantar o mundo nos meus braços!” (Em Vão, 1931). As expressões “a tudo” e “a toda gente” possibilitam, além disto, um nível de leitura em que *tudo* pode significar o seu país, Portugal, enquanto *toda gente*, pode remeter ao povo português: “Tenho bênçãos de amor pra toda a gente!” (Anoitecer, 1923).

Ainda que Florbela Espanca esteja mergulhada em seu mundo de aspiração por um amor ideal e de passagens por diversas paixões e amores; ainda que esteja perdida entre tristezas e saudades, orgulhos e vaidades, deixa transparecer algumas peculiaridades da nação portuguesa – “Minha terra d’amor e de ventura, / Ó meu amado e lindo Portugal!” (Paisagem, 1930).

Assim como a poetisa, os portugueses estiveram durante longo tempo em permanente procura por um ser especial – mito de D. Sebastião – dominados por uma ânsia de infinito que não pode ser saciada. Somente a volta do rei Desejado resolveria a decadência da nação. Ademais, viveram uma realidade paradoxal em que acreditavam que seriam grandes apenas quando saíssem de Portugal, viajando pelos mares: é necessário sair de si para poder se encontrar. Ser um *Don Juan* é ser aventureiro: torna-se vital lançar-se ao Outro; ser português é ser aventureiro: é preciso lançar-se ao mar, ao desconhecido.

Segundo a perspectiva de José Fafe, em “Portugal, meu remorso de todos nós” (1993), existe o mito de que o povo de Portugal é vocacionado para ser o outro, misturar-se a ele, assimilar algo dele e dar algo de si. Há, no *Don Juan*, um desejo de transgredir o mundo do Outro – “eu moro - tão bom! – dentro de ti / E tu, ó meu Amor, dentro de mim...” (A Nossa Casa, 1930) –, de explorar e conquistar, deixando de ser uma ilha errante, um ser isolado. Bela, quando repleta de solidão, sente-se como uma ilha e, por isto, se deixa

levar pela busca de algo que a complete, transgredindo, explorando e conquistando o Outro através de seus versos sensuais, de seu erotismo. Ser um *Don Juan*, no sentido mítico, é ser conquistador no âmbito da sensualidade e do amor; ser português é ser conquistador, no sentido de colonizar e no sentido de amar: amar, ao mesmo tempo, a terra e o mar¹.

Percebemos a ânsia de transformar dois seres em um único ser, como ocorre no mito de Hermafrodito, filho de Hermes e Afrodite. A ninfa aquática Sálmacis se apaixona por Hermafrodito, conhecido por ser dono de uma beleza inigualável. A paixão, no entanto, não foi correspondida, e Sálmacis implora aos deuses para ficar junto de seu amor de forma que eles não possam mais ser separados. Os deuses, por sua vez, atendem ao pedido, fundindo-os num único ser, que passa a ter os dois sexos. Diferente de Florbela em seu *donjuanismo*, a ninfa encontrou um grande amor e finalizou sua busca, ainda que de forma trágica: assim finda o mito. A verdade, no entanto, é que não podemos ser um só – com exceção de alguns breves instantes, conforme veremos neste estudo, em que pode haver um momento de fusão de almas. Para Octavio Paz

“O amor é um estado de reunião e participação aberto aos homens: no ato amoroso a consciência é como a onda que, vencido o obstáculo, antes de se desmanchar, ergue-se numa plenitude na qual tudo (...) alcança um equilíbrio sem apoio sustentado em si mesmo (...) Sem deixar de fluir o tempo se detém repleto de si” (1981:29).

O *Don Juan* segue sozinho, não se prendendo a ninguém e construindo sua história de forma imprevisível, sem norte. Hoje pode estar Aqui, mas amanhã, estar Além! A conquista “Deste” e “Daquele” se torna um desafio prazeroso que dá sentido à vida. Para Florbela, contudo, conquistar faz parte da procura pelo amor ideal. Uma vez que não é encontrado ou tão pouco é suficiente para preencher o vazio do ser que está ávido por viver

¹ Idéias extraídas das notas de aula de Épica Portuguesa ministrada pela professora Ana Lúcia Tettamanzy.

intensamente um grande amor, faz-se necessária uma nova busca, faz-se necessário amar o “Outro”. Ama-se Aqui... e o vazio permanece, então, ama-se Além... A procura é interminável: “Ó pavoroso mal de ser sozinha!” (Loucura, 1931).

Podemos dizer que a ânsia da procura do *Don Juan* – “...esta ânsia estranha!” (O Meu Mal, 1923) – é a solidão que mata e envenena a alma. Se um ser deseja estar com todos, não deseja nenhum. Na verdade, o *Don Juan* é um ser solitário que não se encontrou e ter um pouco do outro dentro de si significa não estar só – “Ânsia de procurar sem encontrar, / A chama onde queima uma incerteza!” (O Meu Impossível, 1931).

Melanie Klein, em “O Sentimento de Solidão” (1971), afirma que a solidão pode ser encontrada em dois níveis: no primeiro em que se refere “à situação objetiva de se estar privado de companhia externa”; no segundo, a seu turno, ao “sentimento de estar só... de sentir-se solitário mesmo quando entre amigos ou recebendo amor”, o que caracteriza algumas vezes a situação da nossa poetisa e, conseqüentemente, do *Don Juan* que a habita. Trata-se de um estado de solidão interna, resultado de um anseio, de uma busca por algo inatingível: a completude e a perfeição do amor – “Tudo é vago e incompleto! / É o que mais pesa é nada ser perfeito” (O Meu Impossível, 1931).

A picada de uma cobra mata por causa de seu veneno. Entretanto, a cura está no mesmo veneno: a vida ou a morte dependerá da dose que for utilizada. A solidão pode levar à morte ou trazer a vida, depende de como será enfrentada. A mesma solidão que consome o ser em dor é necessária para o autoconhecimento, a reflexão e o crescimento. A Ave Fênix surge das cinzas e faz de seu sofrimento um aliado para renascer e voar para a vida - “Sob as urzes queimadas nascem rosas... / Nos meus olhos as lágrimas apago...” (Charneca em Flor, 1930).

Antes de se relacionar com alguém é preciso conhecer-se, saber identificar onde estão os aspectos positivos e negativos; é necessário refletir sobre a personalidade, admitindo as imperfeições para poder, enfim, crescer e sentir que é chegado o momento de receber alguém em nossa vida. Muitas vezes o que exigimos do Outro é exatamente o que não sabemos dar. Desejamos a sua beleza, mas não mostramos a nossa beleza, aquela que está guardada no coração, esquecendo-nos de que o amor poderá abrir portas para o sublime.

Edgar Morin, em “Amor, Poesia, Sabedoria” (1999), menciona a importância do autoconhecimento para evitar uma das tragédias do amor vividas pelo *Don Juan*, ou melhor, pelos seres humanos. A “tragédia” consiste no fato de que o ser que busca um amor, idealiza-o e projeta-o de acordo com os seus anseios e necessidades, ignorando a personalidade do ser amado: não há a compreensão de si e tão pouco do Outro. Contudo, “a beleza do amor, que reside na interpretação da verdade do outro em si, implica encontrar sua verdade através da alteridade” (MORIN, 1999:31).

Talvez o *Don Juan* não encontre o que tanto busca porque não está pronto para conceber um grande amor. Será este o caso de Florbela? O vazio, tão cheio de nada, que está dentro dele é fruto de insatisfações pessoais que precisam ser reconhecidas através do autoconhecimento, da mesma forma que devem passar por uma reflexão profunda acerca do que significam realmente, a fim de que haja o crescimento. É imprescindível reconhecer o vazio e refletir sobre ele para poder preenchê-lo: não há nada, apenas ar... um coração desabitado.

Em “As Cores do Crepúsculo”, de Rubem Alves, o narrador conta que desde cedo amou a solidão, embora vivesse cercado de amigos, afirmando que a “solidão é o ar que se

respira quando se entra nas paisagens da alma. A alma é uma paisagem” (2001:151). É preciso conhecer minuciosamente a própria paisagem para poder permitir que Alguém, Este ou Aquele, o Outro ou toda a gente possa habitá-la ou fazer parte dela: “Chuva... tenho tristeza! Mas por quê?! / Vento... tenho saudades! Mas de quê?! / Ó neve que destino triste o nosso! / Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura! / Gritem ao mundo inteiro esta amargura, / Digam isto que sinto que eu não posso!!...” (Neurastenia, 1919).

“Toda eu sou alma e amor, sou um jardim” (Blasfêmia, 1931), isto é, uma paisagem: é preciso conhecer a chuva, o vento, a neve, os mares, as montanhas e florestas que nos formam para, a partir de então, conceder ao Outro permissão para que navegue em nossos mares, escale nossas montanhas e sinta-se livre em nossas florestas. Nietzsche, em “Humano, demasiado humano – Um livro para espíritos livres” (2000), denomina as pessoas solitárias como aquelas que estão habituadas a conviver consigo mesmas, entretanto, alegre e serenamente, pois há um diálogo com o seu íntimo, que se torna suficiente e preenche o vazio existencial que o *Don Juan* tanto almeja suprir.

O soneto *Neurastenia* faz parte do *Livro de Mágoas* de nossa Bela poetisa. De acordo com a perspectiva de Maria da Graça Martins (1990), na introdução aos “Sonetos de Florbela Espanca”, trata-se de um livro composto por versos que exprimem extremo sofrimento devido ao fato da existência de uma ansiedade permanente, “por outras palavras, este livro é a expressão da insatisfação rendida do sujeito lírico perante a efemeridade da esperança e do sonho e a falsidade do amor” (24).

A ausência da presença de alguém, isto é, a *saudade* de alguém, de algo, enfim... Martins atenta, além disto, para este sentimento marcante, característico do português, citando as belas palavras de Jacinto do Prado Coelho: a saudade “compreende a lembrança,

pungitiva ou docemente melancólica dum bem ausente, algo que está longe ou que nos passou na carreira do tempo; lembrança a que se junta o desejo de reaver este bem perdido;” e, ainda, “o próprio anseio de qualquer coisa pressentida, gozada em imaginação, como quando a saudade é dum bem futuro, saudade do Céu” (24).

Sol radiante, velas acesas, lua cheia: uma vez conhecido o mundo do amor, há o medo de voltar para a solidão. A escuridão toma conta. O sol se põe, as velas se apagam, ocorre um eclipse sobre a lua. O amor é equivalente ao sol para a nossa Bela poetisa. Quando o amor parte, leva consigo o sol, deixando a escuridão, a chuva, o vazio. Através desta analogia, Florbela deixa transparecer um pouco mais do *Don Juan* que habita o seu ser, afirmando que o astro solar de hoje não é o mesmo que iluminou o dia de ontem: surgiu uma nova esperança de amar, uma nova luz – “Tanto clarão nas trevas refulgiu, / E tanto beijo a boca me queimava! / E era o sol que os longes deslumbrava / Igual a tanto sol que me fugiu!” (Inconstância, 1923). Este sentimento de esperança de encontrar um grande amor não aponta, pois, para algo comum aos seres humanos?

O sol, representação do amor, que se põe no horizonte, é igual ao que nasce após tempestades e trovoadas - “...E este amor que assim me vai fugindo é igual a outro amor que vai surgindo...” (Inconstância). A tempestade é o fruto da solidão: lágrimas; o trovão representa um estrondo causado pela descarga das emoções. Contudo, acompanhado por um raio, um fio de luz que está entre as nuvens e o solo, há um indício de que a claridade ainda existe e de que o amanhã é um novo dia, quem sabe ensolarado, e poderá trazer a luz intensa e viva de que a Flor tanto necessita para se abrir no jardim de seu castelo.

Os sonhos constroem um castelo. No entanto, sonhar alto demais, ou seja, eleger um ser sem defeitos que supra tudo o que se deseja é o mesmo que construir um castelo com

altas paredes, difíceis de serem escaladas; um alto castelo pode impedir que a luz do sol penetre, se tornando sem vida. O homem esperado que trará consigo o amor para manter Florbela viva é como o sol que mantém a vida, que fornece calor e faz de cada dia um momento de plenitude. É impossível viver dentro de um castelo sem luz, pois luz é vida. O sonho não poderá se realizar uma vez que transcende o âmbito da possibilidade de concretização, origem da insatisfação amorosa.

O amor, luz intensa e viva – “Que há de partir também, nem eu sei quando” (Inconstância) – se assemelha àquele que chega no sentido de que ambos não permanecem, fazendo com que a busca do *Don Juan* de Florbela continue. Procurar, conquistar, amar, enfim, viver. Em outros sentidos, de fato, os amores não são iguais, pois cada um tem algo a oferecer ou a absorver do outro. Da mesma forma, o sol um dia está mais rutilante e no outro nem tanto, prevalecendo o frescor da brisa. Neste dia queima a pele e Naquele revitaliza: assim Florbela passa sua vida inconstante a amar e a esquecer – “Passei a vida a amar e a esquecer / Atrás do sol dum dia outro a aquecer / As brumas dos atalhos por onde ando...” (Inconstância).

O *Don Juan* de Espanca segue na constante luta da claridade contra a escuridão. A tristeza da solidão, isto é, a chuva que está dentro de Florbela poderá fazer com que nasçam flores vermelhas que simbolizam a paixão e com que brote uma esperança.

A partir de seu sofrimento, haverá o crescimento e, então, uma nova possibilidade de amar. Basta olhar para o lado, e lá estará uma nova conquista, desejando ser alvo de um coração: outro ser que segue sozinho o seu caminho na escuridão. Afinal, “Há uma Primavera em cada vida: é preciso cantá-la assim florida” (Amar).

Um sonho que não se realiza, que também espera a oportunidade de se tornar real, um castelo erguido por paredes que se tornaram frias, se transformando num lugar vazio à espera do príncipe encantado que irá habitá-lo: retrato fiel do *Don Juan*, um ser encantador e desabitado, envolto por paredes gélidas sem o verdadeiro amor. O sonho que emerge das asas da imaginação, repleto de imagens, de desejos e novas vivências é mais uma busca intensa pelo prazer e pela paixão: “Um sonho alado que nasceu um instante / Erguido ao alto em horas de demência...” (Sonho Vago, 1931).

O verdadeiro prazer surge apenas quando há a plenitude do amor e por isto Forbela se questiona sobre a presença do Príncipe Encantado, que no poema recebe diversas denominações: o Desejado, o Infante, o Eleito, o Amante... – “Onde está ele, o Desejado? O Infante?” –, seja o que for, deseja aquele que irá lhe trazer a vivência do amor autêntico – “Procurei o amor, que me mentiu” (Inconstância), prova de que encontrar um amor transcende a idéia de encontrar apenas um homem. O sonho, além disto, se funde com a loucura em “horas de demência”, e a ânsia por viver se transforma em uma insensatez, que faz com que a poetisa perca a consciência de sua identidade: perca-se em desejo ardente de beijar, de amar e ser amada.

Se “a melhor parte do amor é perder todo o senso da realidade”, idéia central que nos passa o filme dirigido pelo cineasta Jeremy Leven, *Don Juan DeMarco*, Forbela descobriu que isto pode ser, de fato, verdadeiro, pois é movida por um desejo de evasão dessa realidade exterior, mergulhando em um riquíssimo mundo de fantasia.

Podemos dizer que a realidade da alma do *Don Juan* interpretado por Johnny Deep, no caso da comédia romântica de Leven, é muito mais tolerável do que a sua realidade externa, portanto ele prefere viver no âmbito da imaginação em que encontramos a mescla entre fatos ocorridos e inventados. A fantasia passa a ser o mundo real quando assim o

desejamos = “... finjo-me enganada, meu encanto, / Que um engano feliz vale bem mais / Que um desengano que nos custa tanto!” (Mentiras, 1999).

A razão é constituída pela fantasia. O soneto “Realidade” (1930), expressa sua subjetividade – Fantasia ou sonho? Delírio ou imaginação? Razão ou loucura? – no que se refere à busca pelo ser ideal: define-se como alguém que nasceu predestinado a encontrar um amor – “É para te encontrar foi que eu nasci”. A realidade de Bela é o seu mundo interior e neste universo quem habita é o *Don Juan d’Alma Espanca* – o *Don Juan* de sua alma.

Edgar Morin sabiamente nos passa a idéia de que a poesia é um estado segundo da alma; é constituída pelo amor, capaz de transgredir o universo da razão e da loucura. O ser humano possui o poder de fazer com que os mitos e deuses de sua imaginação tomem forma e é através dos versos que Bela exterioriza a voz do mito que, freqüentemente, passeia pela paisagem de sua alma: o *Don Juan*. “O estado poético nos transporta através da loucura e da sabedoria, e para além delas” (MORIN, 1999:9).

Ainda na obra “Amor, Poesia, Sabedoria”, o autor elucida a concepção de *sujeito do amor*. A expressão está inserida em dois contextos: no primeiro se refere a viver subjetivamente o amor e, no segundo, ser submisso a tal sentimento. O ser que ama se submete a este amor sem poder controlá-lo; não poderá dosá-lo – caracterizá-lo como mais ou menos intenso – , nem estabelecer um momento para que saia de seu coração. Apenas o tempo poderá amenizar a submissão e abrir portas para que um novo amor se aproxime. Ao vivermos um amor “somos duplamente possuídos e possuímos o que nos possui” (MORIN, 22): possuímos o amor que, conseqüentemente, nos domina.

Florbela, em sua constante aspiração à plenitude deste sentimento, pressente que o Outro baterá em sua porta. Entretanto, permanecerá por um tempo e partirá, igual a tantos

outros. O amor que parte se assemelha ao que surge, mas não permanecerá: “Bem estava a sentir que ele morria... E outro clarão, ao longe, já desponta! E bem sei, meu Amor, que era preciso / Fazer do amor que parte o claro riso / De outro amor impossível que há de vir!”, intitulado “Amor que morre”, de 1931. A dor expressa pela Bela Flor frente a uma nova separação demonstra que para ela faz diferença permanecer ou partir, ao contrário do *Don Juan* mítico que tem como objetivo apenas a conquista pela conquista: “A *Don Juan*, una vez conseguida la mujer, lo que le importa es abandonarla y que no estorbe su conquista futura” (MARAÑÓN, 1947:73). Para Bela, cada nova partida é dolorosa.

Outra observação imprescindível para melhor compreendermos a eterna busca pelo amor ideal é o fato de que o amor verdadeiro, sentimento nobre e puro, pode ser reconhecido, segundo a perspectiva de Edgar Morin, quando sobrevive ao ato sexual. O *Don Juan* mítico, no entanto, é um homem fascinante que atrai as mulheres, as seduz e as abandona, substituindo por outra.

O ser humano é, de certa forma, movido pela atração e o desejo. Este último, ao caminhar distante do amor poderá gerar a dor e o sofrimento; contudo, através da fusão dos sentimentos desejo e amor poderá haver a felicidade plena. Trata-se de uma luta travada entre o *homo triste post coitum* e o *homo felix post coitum* (MORIN, 1999:23) em sua busca pelo ser amado, por ser feliz, enfim, por simplesmente viver. Ser um *Don Juan d’Alma Espanca* é ser humano.

Amor sublime e desejo trazem sentimentos aparentemente semelhantes. Por isso, buscando se encontrar, o *Don Juan* se perde, uma vez que a ilusão do desejo carnal prevalece, e o falso amor não sobrevive ao coito. Há um pseudo-amor pelo momento, pela exaltação. O ser pode dizer ou ouvir neste encontro das almas o falso “eu te amo”, que ilude, engana, fere, mata – “Mesmo a beijar-me, a tua boca mente.../ Pousa na minha a tua

boca ardente, / E quanto engano nos seus vãos dizeres!” (O maior bem, 1931). E, em seguida, parte, levando consigo um pouco de quem ficou. A busca continua: foi apenas ilusão, foram apenas momentos... uma falsidade que está muito aquém da plenitude amorosa.

CAPÍTULO II

O erotismo em Flor:

“Deixa dizer-te os lindos versos raros que foram feitos pra te endoidecer!”

O Fogo é silencioso e traiçoeiro, mas aquece a vida em muitas ocasiões. O ser amado aquece a vida em certas ocasiões, acesas pela chama da exacerbação dos sentimentos. É lindo, é vivo, é forte... É marcante. O Fogo queima, faz arder, assim como os corpos ardem em desejo quando unidos em um ato de amor. O ser que ama se funde com o amado.

Nascem rosas da terra, as pétalas vermelhas da paixão e do desejo que estarão presentes neste momento, abençoando corpo e alma. E como um furacão, ar em estado rebelde, o desejo excitante toma conta dos seres, que deliram e choram de prazer.

A sexualidade habita o ser humano. O erotismo se transforma em um instrumento de sedução, e seduzir é um desafio necessário para que o *Don Juan* conquiste seus amores – afinal, o que é a vida quando não há objetivos a serem conquistados? Podemos perceber que os versos de Florbela são carregados de sensualidade: “a dupla chama, amor e erotismo” (Octavio Paz) – “Olhos a arder em êxtases de amor, / Boca a saber a sol, a fruto, a mel: / Sou a charneca rude a abrir em flor! (1930) – será a essência de seus versos, o seu estado poético. Ser erótico é ser humano:

“O fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustenta outra chama azul e trêmula: a do amor. Erotismo e amor: a dupla chama da vida” (PAZ, 1993:7).

Vidas serão geradas através do erotismo humano. A atração entre homem e mulher permite que nossa espécie se perpetue através da sexualidade, do envolvimento. A sensualidade de um atrai o outro, e surge, então, o desejo da entrega. Os seres humanos estão abertos a um momento de cópula, não necessitando respeitar os ciclos a que os animais são submetidos. A sexualidade torna-se humana quando há amor e erotismo (BOCCALATO, 1996:21). Fazer amor é sentir prazer, além de procriar; é sentir o outro dentro de si... é sair de si e explorar um novo mundo; é ter no corpo as quatro estações de forma simultânea.

Primavera, flores desabrochando, fecundação; *Verão*, calor, fogo, ardência; “*Outono* das tardinhas silenciosas, / Das magníficas noites voluptuosas / Em que solução a delirar de amor...”; *Inverno*, frio, coito. A poetisa envolve e encanta sutilmente o ser desejado: “Pus rosas cor-de-rosa em meus cabelos... / Parecem um rosal! Vem desprendê-los! / Meu Amor, meu Amor, é Primavera!”, 1931.

Há uma cigana dançando em Florbela, assim como há uma bailarina dançando flamenco no *Don Juan* que a habita, envolvendo o Outro “Felinamente, em voluptuosas danças” (Volúpia, 1930). É impossível não perceber o erotismo que transborda em Flor.

A palavra *volúpia* remete ao significado de prazer e satisfação dos sentidos, de sensualidade, abrindo portas para o que há de vir: um sentimento profundo de êxtase, que aparenta corresponder a uma grande alegria, entretanto, é mesclado com certa angústia. O prazer, a seu turno, é algo que advém da realização dos seus desejos de mulher, de sentir-se plena. Qual a mulher – ou homem – que não deseja sentir-se plena(o) e desejada(o)?

Edgar Morin aponta para o fato de que através do sentimento intenso de prazer que o ato sexual nos permite sentir, podemos presenciar, durante alguns segundos, o momento em que corpo e alma de ambos os seres se encontram, transformando-se em um único ser;

único como o amor. Este instante em que os corpos se fundem é o alvo da procura do *Don Juan* de Florbela Espanca. Trata-se de uma necessidade vital: “Andava a procurar-me - pobre louca! / E achei o meu olhar no teu olhar, / E a minha boca sobre a tua boca!” (Eu, 1930).

Retomando a reflexão de Octavio Paz, “no fluxo e refluxo de nossas paixões e afazeres, há um momento em que tudo se ajusta. Os opostos não desaparecem, mas se fundem por um instante” (1981:29). O Eu e o Outro, a lua e o mar. O Eu deitado sobre o Outro na beira do mar... A luz da fogueira deixa seus corpos sensuais enquanto se apreciam e sabem que pertencem um ao outro. A lua deitada sobre o mar na beira da praia... A luz do reflexo deixa a paixão dos amantes amados mais sensual. O Eu olha para o fogo e lembra de sua força para conquista; olha para o reflexo no mar e sente uma paz de espírito plena, que o deixa pronto para sentir a vibração que o Outro tem para lhe passar.

Da mesma forma que o amor e o erotismo estão relacionados ultrapassando a finalidade primeira, a linguagem poética – linguagem erguida, como expressa Octavio Paz – subverte a linguagem da comunicação. Nesse sentido, poesia e erotismo se equivalem:

“A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. A linguagem – som que emite sentido, traço material que denota idéias corpóreas – é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal – é cerimônia, representação... A poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria... já é o erotismo” (PAZ, 1993:12).

Partindo desta colocação, o poeta elucida que é através do erotismo que a sexualidade perde a sua função principal, a reprodução da espécie. O amor se caracteriza pelo fato de haver atração por apenas uma pessoa, constituída por corpo e alma (1993:34):

“Não, não é a mesma coisa com este ou com aquele. E esta é uma linha que marca a fronteira entre o amor e o erotismo. O amor é atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma”.

O ato sexual é a forma mais intensa de amar o Outro e entregar-se a ele. O *Don Juan*, no entanto, não se entrega ao Outro, e, sim, ao momento erótico. Sem a presença do amor no coração do ser não há a entrega, apenas a satisfação efêmera dos instintos. Encontrar o amante-amado não é, neste caso, fazer amor, mas satisfazer a si mesmo e partir: ao invés do encontro, ocorre o desencontro - “E agora, que te falo, que te vejo, / Não sei se te encontrei... se te perdi” (Realidade, 1930). A poesia da Bela Flor é o ponto de encontro entre o erótico e o poético.

O erotismo da Flor é caracterizado por quatro níveis, isto é, o sonho, a procura, o desejo e a insatisfação (MARTINS, 1990) - “A flor do sonho, alvíssima, divina / Miraculosamente abriu em mim” (A Flor do Sonho, 1919). A procura se relaciona com a projeção de si sobre um ser especial que deseja encontrar, como denomina Agustina Bessa-Luís, “o amante é uma projeção do eu” (MARTINS, 25), intitulando Florbela como uma poeta *auto-erótica*. Ao mesmo tempo, há o sonho de encontrar alguém que impulsionará a procura e despertará o desejo, que, por sua vez, não necessariamente será saciado. A satisfação erótica tem a duração de um sorriso e se dissipa: é efêmera; a satisfação amorosa permanece: “é eterna enquanto dura”.

O *Don Juan* mítico não se prende a alguém em especial, pois este alguém com quem consumou o ato sexual não foi um fim, mas um meio de prazer. “Amar um homem é um gesto mágico para Florbela”, conforme aponta Agustina. Somente através do amor verdadeiro, objeto de busca interminável, haverá a plenitude: “a otro ser humano no podemos amarlo como un medio para nuestros fines porque esto no merece el nombre de

amor”, são as palavras de Miguel Siguán ao introduzir a obra “Sobre el Amor Humano” (1955:23), de Gustave Thibon.

Para o *Don Juan* do mito, a conquista é algo demasiado importante. Envolver é sinônimo de sentir prazer no nível dos sentidos, por isso o Outro não deve ser um livro aberto para que ele o leia e o memorize. O Outro, para mantê-lo a seu lado, deve ser uma incógnita, um segredo a ser desvendado eternamente. O seu Eu aprende a desvendar o que há de oculto na alma do Outro, seus prazeres e medos, encantando-se com que ele terá para oferecer; sonha seus sonhos, fantasia suas fantasias. Entretanto, uma vez que deixam de ser ocultas as fantasias, perdem seu encanto quando não há amor, tornando-se uma realidade desfrutada que dificilmente se repetirá – “Beijos d’amor? Pra quê?!... Tristes vaidades! / Sonhos que logo são realidades” (Para quê?!, 1999). A sedução do *Don Juan* mítico é uma mentira, suas palavras são falsas... Expressam apenas a excitação do momento, nada mais do que isto.

No entanto, para Florbela, o erotismo desabrocha de forma autêntica, uma vez que o seu objetivo não é apenas o prazer do sexo, mas, sim, construir algo em comum com aquele que deseja amar – “Onde está ela, Amor, que não a vejo? / Na minha doída fantasia em brasa / Constrói-a, num instante, o meu desejo! / Onde está ela, Amor, a nossa casa, / O bem que neste mundo mais invejo? / O brando ninho aonde o nosso beijo / Será mais puro e doce que uma asa?” (A Nossa Casa, 1930).

Para manter a chama do erotismo acesa, é preciso que os amantes se encontrem como se fosse a primeira vez, sentindo o beijo e o perfume do Outro como se houvesse algo mais a ser percebido. Este ou Aquele são conquistados plenamente, contudo não conquistam o coração do *Don Juan*, que parte em busca de uma nova sedução na esperança de sentir o verdadeiro amor. O fim perde o propósito e é abandonado.

Os beijos sensuais da Bela Flor provocam um estado de êxtase em quem os recebe: “Meu corpo! Trago nele um vinho forte: / Meus beijos de volúpia e de maldade!”. O vinho é uma bebida afrodisíaca capaz de alterar os sentidos de quem o bebe. É a partir do desejo de beijar o Outro que podemos saber se há a possibilidade de um envolvimento; o beijo delimita a intensidade de uma relação entre os seres, mas “no hay nada tan vulgar, tan vacío bajo el brillo de las apariencias, nada tampoco frágil y vulnerable al tiempo como un amor dominado por los impulsos de los sentidos”, conclui Thibon (1955:132). O amor deve sobreviver à paixão carnal. Uma união fundada sobre o atrativo do sexo não é uma união verdadeiramente humana. É um instinto animal. Isto é, os valores de cada um devem estar sobrepostos ao sexo. Não se pode fundar uma união firme e pura sobre a paixão que nasce da emoção sexual.

A cópula é uma prova de fogo para os amantes, para a intensidade do amor que sentem um pelo outro. A *felix post coitum*, felicidade após o momento de união dos corpos, somente acontecerá quando o amor for verdadeiro. Caso contrário, passado o breve instante de euforia, tudo se transforma em cinzas: a paixão arde, queimou e agora é cinza – “Lábios quentes de sonhos e desejos, / Carícias sensuais d’amor e gozo” (Crisântemos, 1999). A insatisfação e o erotismo do *Don Juan d’Alma Espanca* parte em busca de uma nova união, com a esperança de realizar o seu sonho de encontro. Onde estará, afinal, este amor verdadeiro?

O *beijo*, elucida Morin, é uma forma de exprimir afetividade, assim como o *olhar* e a *fala*. São elementos que caracterizam o amor face à face, dádiva concedida pela natureza ao ser humano (1999:26). É possível deixar a alma ser beijada através do beijo na boca – “Meu doce amor, tu beijas minh’alma / Beijando nesta hora a minha boca!” (A Noite Desce, 1923). As almas podem se encontrar em momentos únicos, na intensidade do coito e

do beijo, transformando um simples ambiente em algo enfumaçado e misterioso, repleto de flores vermelhas, velas e incensos. Os beijos estão desatinados pra sair da boca dos amantes... o Eu espalha as pétalas de rosa sobre o corpo do Outro e sobre a cama onde irão se entregar. O Outro, sem poder ver nada, deixa ser beijado e acariciado. O corpo do Eu apoia-se sobre o amante-amado.

O filósofo Thibon segue o mesmo raciocínio quando afirma que a união dos corpos não é apenas uma forma de saciar o desejo sexual no momento em que estão soldados um ao outro, mas, sim, a expressão mais intensa de entrega mútua, um símbolo da união das almas. O beijo, gesto erótico por excelência, representa o contato entre duas respirações, duas vidas, tornando-se uma fusão de almas – “Tenho os meus lábios úmidos: tomai / A flor e o mel que a vida nos promete!” (A Tua Voz de Primavera, 1999). O desejo é uma boca com sede... “Bocas rubras de chama a palpitar” (Cravos Vermelhos, 1999).

Em “Aos Olhos Dele” (1999), os olhos são erotizados pela Flor como dois céus. O *olhar* tem a imensidão azul do céu, repleto de verdade, sem nuvens, sem nebulosidade. Os olhos não podem mentir como a boca – “A sombra entre a mentira e a verdade”. O olhar revela a alma, o amor e o desejo carnal – “Tu julgas que eu não sei que tu me mentes / Quando o teu doce olhar pousa no meu?” (Mentiras, 1999).

O som da voz do ser amado, uma voz de primavera, pode ser a voz do mais frio inverno quando suas palavras são permeadas de falsidade. Escutar a expressão sublime *eu te amo* implica ser alvo da verdade ou da mentira. Dizer-se que se ama é diferente de sentir amor. O sentimento poderá ser percebido através da intensidade do beijo e do olhar, mas não da *fala*, que faz parte de um jogo inescrupuloso entre o verdadeiro e o falso; o sorriso pode ser sonho ou traição.

“As palavras de amor são seguidas de silêncios do amor”, afirma Edgar Morin (1999:26). Trata-se daqueles momentos breves e inesquecíveis em que os amantes-amados se abraçam e se apreciam depois de terem sido absorvidos pela intensidade do amor – “O silêncio, ao redor, é uma asa quieta... / E o meu corpo ondulante de sereia / Dorme em teus braços másculos de vândalo...” (Trazes-me em tuas Mãos de Vitorioso, 1999). Dormem e sonham após sentirem a interioridade um do outro.

No entanto, o *Don Juan* de nossa poetisa não se contenta com os breves momentos de satisfação erótica: parte e deixa uma marca na alma do Outro. Seu corpo precisa de amor, além de prazer. Há uma necessidade vital, pois o amor é o ar que respira e não pode ficar sequer um segundo sem ele; o prazer é uma fonte de energia para a alma - “Estonteante fome, áspera e cruel, / Que nada existe que a mitigue e a farte!” (Frêmito do meu Corpo a Procurar-te, 1999). Gustave Thibon classifica esta busca como um ideal negativo, que é “el instinto sexual impregnado y depravado por el apetito de cambio de conquista y conocimiento”; e, ainda, uma “lucha contra una de las múltiples variedades de esta infernal sed de infinito que desde el pecado original consume al hombre” (1955: 134/135).

A conquista e a sedução erótica do Outro são fundamentais ao *donjuanismo* de Florbela: necessidade, desejo, vontade – “Frêmito do meu corpo a procurar-te, / Febre das minhas mãos na tua pele / ... / Doido anseio dos meus braços a abraçar-te, / Olhos buscando os teus por toda a parte, / Sede de beijos, amargor de fel”.

A troca de intimidade é um momento único para os amantes; é o instante em que irão revitalizar suas almas e penetrar no mundo um do outro, conhecendo suas essências e amando-se pelo que são e não pelo que projetaram. “En todo gran amor, el hombre bebe de la criatura como de un canal, como de un vaso” (THIBON, 1955:185), uma necessidade do

ser que ama e do ser que é amado, o que expressa a Flor quando diz “Meu Amor! Meu Amante! Meu Amigo! / Colhe a hora que passa, hora divina, / Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!” (Passeio no Campo, 1930).

Quando o amor não é puro, e, sim, carregado por desejos insaciáveis, a alma do *Don Juan* não se revitaliza e parte para outra busca, uma vez que “el amor impuro deja hambriento al hombre porque vive de codiciar; el amor purificado le alimenta porque vive de darse” (Idem, 179). Por outras palavras, se no momento da troca mais íntima entre os seres, entre o Eu e o Outro, a entrega não for verdadeira, haverá apenas breves instantes de prazer e, conseqüentemente, a separação, a despedida, o que configura novamente o *Don Juan* de Tirso de Molina. Uma vez encontrado o amor ideal, “la criatura amada se convierte en una fonte inagotable de delicias” (Ibidem, 173). A procura pelo outro cessa, pois o sonho está realizado, o desejo está saciado.

Em “O Banquete”, um dos personagens retrata esta questão da busca interminável pelo ser ideal através do mito do andrógino. Observa que os amantes desejam calorosamente se encontrar porque, na verdade, são um único ser que significa a conjunção dos sexos. Aristófanes, a personagem, diz: “Parece-me que os homens absolutamente não se dão conta do poder do amor” (1986:28), elucidando aos demais comensais a importância de Eros e explicando que este Deus do Amor possuía os dois sexos, assim como outros seres, os andróginos. Entretanto, devido ao seu comportamento rebelde, Zeus decide que irá cortá-los pela metade a fim de enfraquecê-los.

Havia três gêneros, o masculino, que descidia do sol, o feminino que adveio da terra e um terceiro, o andrógino cuja origem pertenceu à lua. Supremas são as palavras de Platão através de Aristófanes ao expressarem que a “nossa raça se tornaria feliz se plenamente realizássemos o amor e o seu próprio amado cada um encontrasse” (1986:31).

A afirmação de que Florbela Espanca é auto-erótica se refere ao fato da projeção que ela faz de seus ideais na imagem do Outro, um ser que, na verdade, é parte da Bela Flor: raiz, talo e flor. Deseja estar com o Outro, abraçá-lo da forma mais intensa possível e entregar-se aos breves instantes de comunhão amorosa – “Meus êxtases, meus sonhos, / São os teus braços dentro dos meus braços, / Via Láctea fechando o Infinito” (Versos de Orgulho, 1930).

Eros casou-se com Psiquê e desta união proveio Voluptas. A intensidade do ato sexual tem o poder de fazer com que o amor e a alma se encontrem, nascendo, assim, o filho que é o prazer – “Quanta alegria na minha alma vai! / O ritmo e a cor dum mesmo desejo... olhai! /... / Igual a o sol que sempre às ondas cai, /... / Meus pequeninos seios cor-de-rosa, / Se os roça ou prende a tua mão nervosa, /... / Para os teus beijos, sensual, flori! Só me exalto e sou linda para ti!” (A Tua Voz de Primavera).

Eros é um Deus “solar e noturno: todos os sentem, mas poucos o vêem”, observa Octavio Paz, afirmando que, no mito, permaneceu invisível para Psiquê pelo mesmo fato “de que o sol é invisível em pleno dia: por excesso de luz” (1993:27). O amor é um sentimento grandioso, uma luz tão intensa que ofusca a visão do ser que ama ou deseja o amor: “Ter dentro d’alma na luz de todo o mundo / E não ver nada nesse mar sem fundo” (Cegueira Bendita, 1999).

O último espelho erótico da Bela poetisa, ensaia Agustina Bessa-Luís (1984), é a morte: “Num frêmito vibrante de ansiedade, Dou-te meu corpo prometido à morte!” (Volúpia, 1999). Será a solução para amenizar a dor da derrota de ter andado pelos caminhos da vida e não haver encontrado o amor verdadeiro, a outra metade: “Longe de ti são ermos os caminhos, / Longe de ti não há luar nem rosas, / Longe de ti há noites silenciosas, / Há dias sem calor, beirais sem ninhos!” (Fumo, 1923).

CAPÍTULO III

O Narcisismo em Bela:

“Lembro-me de que fui a primavera que em muros velhos faz nascer as rosas!”

Era uma vez um lindo jovem, Narciso, que ao deparar-se com sua imagem no reflexo de um lago, encanta-se. Apaixona-se pelo o que vê, pela projeção do eu. Através do reflexo na água, enxerga o que deseja, a sua beleza, o seu mundo. Permanece o resto dos dias próximo ao lago, deslumbrado com o objeto de amor que o fascina. O tempo passa, a morte se aproxima, e o jovem se transforma em uma flor bela, o Narciso – “Ó flor, que em mim nasceste sem abrolhos, / Que tem que sejam tristes os meus olhos / Se eles são tristes pelo amor de ti?!” (A Flor do Sonho, 1919). Narciso cai na água e se funde na própria imagem: vemos o que queremos no nosso espelho, a imagem que formamos de nós mesmos – “Trago no nome as letras duma flor...” (Conto de Fadas, 1930).

Dentro da leitura que norteia esta reflexão, a poesia de Florbela, ao ser expressão de um *donjuanismo* e de um *erotismo*, é universal porque fala de valores comuns a todos os seres humanos. O narcisismo, contudo, constitui uma marca específica do seu fazer poético. A Bela Flor em certos momentos o caracteriza com versos de extremo amor próprio – “...Porque Deus Me fez nascer Princesa entre plebeus / ... / Porque o meu Reino fica para além... / Porque trago no olhar os vastos céus / E os oiros e clarões são todos meus! / Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!” (Versos de orgulho, 1930) – e em outras vezes sufoca o Narciso que passeia pela paisagem de sua alma.

Espelho, espelho meu, existe alguém mais Bela do que eu? A beleza é um traço valorizado pelo ser humano. É através dela que o erotismo se completa, o desejo é

despertado. O belo encanta e seduz os olhos de quem o admira. Florbela, ao poetizar a própria beleza, demonstra o valor que atribui a si mesma, como uma forma de seduzir o Outro. Ser Bela é amar-se acima de tudo, é encantar-se com o que o espelho tem a oferecer.

O ser, no entanto, não pode se esquecer de que o reflexo do espelho mostra o lado exterior, enquanto o interior fica guardado no coração de quem possui a imagem. O que está por dentro muitas vezes transparece e deixa nebulosa a paisagem da alma: a beleza externa se desfaz, pois o que está por trás prevalece. Se chove no interior do ser, as lágrimas correrão pela sua face; se faz sol, os olhos brilharão.

Ao buscar um amor, a poetisa busca algo, na verdade, para favorecer a si. Julga-se um ser extremamente belo, irresistível aos olhos de quem o vê. Quer atrair olhares através de sua singularidade, despertar desejos e acender a chama da excitação. Sensualmente, envolve o Outro e o conquista. Sua auto-estima a deixa segura de sua capacidade para a sedução, para a conquista. Admira-se, contempla-se: “Eu sou aquela de quem tens saudade, / A princesa do conto: Era uma vez...” (Conto de Fadas, 1930). Desejar o amor significa amar-se, voltar-se para si. O soneto de Flor remete para a imagem que temos das princesas dos contos de fada, extremamente belas e sedutoras, esperando o seu príncipe encantado.

Segundo José Régio, o narcisismo de Bela se relaciona com o *donjuanismo*, pois muitas vezes “ela se não encanta consigo mesma senão para atrair o amado”. O autor reconhece a sua feminilidade e “fome de absoluto” (1981:18). É uma poetisa singular, uma mulher que nasceu com marcas de insaciabilidade, caracterizadas por sentimentos de inquietação e insatisfação constantes.

Miguel Siguán nos elucida que “creamos una imagen del amado a la medida de nuestras aspiraciones, de nuestra ambición, de nuestra vanidad, de nuestras debilidades incluso y queremos que esta imagen sea real y se rinda enamorada a nuestros pies” (1955:17). Além disto, esclarece que quando o homem deseja amar para ser feliz, não faz

nada mais do que buscar a si mesmo – “Em ti sou Glória, Altura e Poesia!” (Blasfêmia, 1931). A procura pelo ser ideal será eterna porque ele não existe. É uma fantasia querer encontrar alguém igual a si próprio. Narciso, ao apaixonar-se pela sua imagem, autodestrói-se.

Não existindo este ser idealizado, resta o amor à morte, uma espera ansiosa para que ela se aproxime, pois não há mais nada a ser feito – “Recordar? Esquecer? Indiferente”. A poetisa já amou toda a gente, e o *Prince Charmant* não apareceu dentro da alma dos corpos que tocou, das bocas que beijou – “Procurei-o no meio de toda a gente / Procurei-o em horas silenciosas! /.../ E nunca o encontrei! Prince Charmant...”.

A morte deve chegar brevemente, pois é o que pode curar a enfermidade do desamor; é o que pára o tempo que passa sem a dádiva de amar – “Quando chegaste enfim, para te ver / Abriu-se a noite em mágico luar / ... / Chegaste, enfim! Milagre de endoidar! / E há cem anos que eu era nova e linda! / E a minha boca morta grita ainda: / Por que chegaste tarde, ó meu Amor?! (Tarde Demais, 1999). A única forma de Narciso ficar com o seu objeto de amor é atirando-se no lago, assim como a única forma de suportar o pesar de não amar é morrer – “Amor! Sou eu, talvez, a contemplar / Os doces sete palmos do descanso” (À Tua Porta Há Um Pinheiro Manso, 1999).

De acordo com a perspectiva de Agustina Bessa-Luís (1984), a imagem da poetisa é refletida na conquista de um homem, uma vez que conquistar o Outro é o mesmo que encontrar-se em sua imagem. No entanto, a água não é estática: se move com o vento, com uma pedra ou folha que caia dentro dela. Florbela oscila entre o tudo e o nada. Pode ser princesa ou mendiga. Existem dois momentos, o de beleza, força e juventude – “Ser a moça mais linda do povoado” (Rústica, 1999) – e o de insatisfação – “Na vida nada tenho e nada

sou” (Mendiga, 1930), pois há uma tristeza causada exatamente pelo fato de que a busca pelo amor não se concretizou durante o seu caminho, durante a sua vida:

Em Busca do Amor

*O meu Destino disse-me a chorar:
“Pela estrada da Vida vai andando,
E, aos que vires passar, interrogando
Acerca do Amor, que hás-de encontrar.”*

*Fui pela estrada a rir e a cantar,
As contas do meu sonho desfilando ...
E noite e dia, à chuva e ao luar,
Fui sempre caminhando e perguntando ...*

*Mesmo a um velho eu perguntei: “Velhinho,
Viste o Amor acaso em teu caminho?”
E o velho estremeceu ... olhou ... e riu ...*

*Agora pela estrada, já cansados,
Voltam todos pra trás desanimados ...
E eu paro a murmurar: “Ninguém o viu!”*

A beleza, quando sozinha, de nada serve. Ser Bela e estar sozinha é o mesmo que ser uma Flor sem a vitalidade da água; é não poder desfrutar do próprio erotismo – “E é como um cravo ao sol a minha boca... / Quando os olhos se me cerram de desejo... / E os meus braços se estendem para ti...” (Realidade, 1930). A solidão torna o mundo escuro, impossibilitando que o belo seja visto. A escuridão cega Este ou Aquele, o Outro ou toda a gente. Bela é a moça mais linda do povoado, mas, às vezes, expressa que nada tem e nada é.

A noite não tem luar e o Eu está sem o Outro – “No silêncio das noites estreladas / Caminho, sem saber para onde vou!” (Mendiga, 1930). Ao passar por uma estrada à noite com a pessoa amada, veremos a grandiosidade da lua refletir sobre as águas e as estrelas que fazem parte da constelação representarão o que há de ser conquistado no ser amado. Entretanto, se o ser desejado não estiver presente, veremos apenas a nebulosidade no

caminho e nada estará refletindo nas águas. Escuridão total: não haverá estrelas brilhando, não haverá o som de uma música, nem se poderá escutar a voz do amor, assim como não se verá um sorriso, não se sentirá o calor de um longo abraço e tão pouco a intensidade de um delicioso beijo.

Admirar-se é algo humano, mas ao tornar-se uma admiração “narcísica”, passa a ser algo obsessivo, dificultando o encontro com o Outro. Alguém que só consegue perceber a si mesmo não está aberto para conceber um grande amor. Somente o lago prevalece. Ao desconhecer-se, o Eu dá início a um desequilíbrio interior e passa para o Outro a razão do seu sentimento de vazio, que será o motivo central da eterna insatisfação. É necessário sair de si, perceber a paisagem dos outros seres, a imensidão da lua e o brilho das estrelas. O mundo não é apenas um Eu.

Bela passou a vida a procurar um amor e não encontrou. Este fato causa a morte de *Don Juan* e do Narciso em momentos em que a Flor se sente como uma folha seca: “Flor que é nascida e logo desfolhada, / Pétalas que se pisam pelo chão!” (Para Quê?!, 1999). A falta de amor ofusca a beleza dos seres, assim como a certeza de que um dia a juventude irá se desprender do seu “corpo de âmbar, harmonioso e moço, / ...como um jasmineiro em alvoroço / Ébrio de sol, de aroma, de prazer!” (Toledo, 1999).

O *donjuanismo* e o erotismo são características comuns aos seres humanos. Contudo, o narcisismo é um traço que não aparece em todos os rostos. Desejamos a beleza do Outro, assim como a admiramos. Octavio Paz observa que

“O amor não é belo: deseja a beleza. Todos os homens desejam. O desejo é busca de possuir o melhor: o estrategista deseja alcançar a vitória, o poeta, compor um hino de insuperável beleza... E o amante? Busca a beleza, a formosura humana. O amor nasce à vista da pessoa bela.... O Desejo de beleza, próprio do amor, é também de

felicidade... Os homens e mulheres, apaixonados por sua beleza, unem seus corpos... (PAZ, 1993:43/44).

Dentro de Bela habita um *Don Juan* e, dentro dele, está Narciso debruçado na margem do lago, admirando-se. Embora passe o tempo todo a olhar-se, está cego. Não percebe o amor das ninfas que o rodeiam, principalmente de Eco, que se encontra perdidamente apaixonada. Está cego pelo amor de si – “Não vejo nada, tudo é morto e vago... / E a minha alma cega, ao abandono / Faz-me lembrar o nenúfar dum lago” (Cegueira Bendita, 1999).

Há distintas versões do mito de Narciso. A mais conhecida, segundo Pierre Grimal, é a de Ovídio, narrada nas *Metamorfoses*. Conta que Tirésias, o adivinho, havia dito aos seus pais, Césifo e Liríope, que o belo jovem tardaria a morrer se “não olhasse para si mesmo”. Césifo é um lago que persegue a ninfa aquática Liríope até casar-se com ela. As ninfas desprezadas por ele pediram aos deuses para serem vingadas, e o seu pedido foi realizado. A ninfa Eco morreu de tanta tristeza por não ter seu amor correspondido (GRIMAL, 1997).

Conquistar para o *Don Juan* é uma forma de afirmar sua auto-estima, de sentir-se amado e passar segurança ao Narciso que vive dentro dele – “Sou no teu rosto a luz que o alumia” (Blasfêmia, 1931). Deseja ser o sonho do Outro. No mito de Narciso, entre os versos 460 e 470 ocorre a descoberta por Narciso que ama, na verdade, a si mesmo:



*Se interpreto bem o movimento dos teus belos lábios,
me envias mensagens que não chegam aos meus ouvidos.
Esse sou eu! Entendi.
Não me ilude minha imagem.
Ardo de amor por mim. As chamas, eu as provooco e sofro.
Que fazer? O que desejo está comigo.
Pudesse eu separar-me de meu corpo!
Quero em outro amante o que desejo,
longe de mim, o que amo.*

São os seus lábios que se movem, o seu olhar que brilha no reflexo – “Fui tudo o que no mundo há de maior” (O Meu Mal, 1923). O ser amado, Aquele que deseja, está dentro dele, uma vez que é o objeto idealizado por suas ambições. Pensou que fosse Outro, não se conhecia; não conhecia a sua alma, a sua paisagem. Portanto, amou-se sem saber, amou a projeção de si mesmo – “Eu sou isto que vês: o sonho, a graça”. Isto explica um dos motivos pelos quais o *Don Juan* não encontra seu grande amor: na verdade não se conhece e não sabe o que busca. Desconhece o fundo de seu lago. O ser ideal não existe: é fantasia, é imaginação. Podemos encontrar um Alguém que se aproxime de nossa aspiração, mas nunca o idealizado.

Buscar um ser como Bela o faz é algo humano, demasiado humano, como afirma José Régio no estudo crítico que introduz os sonetos de Florbela Espanca (1950). Desejar encontrar um amor é desejar viver. No entanto, há limites entre a razão e a loucura. Quando esta procura se torna obsessiva – assim como o reflexo da imagem de Narciso que o deixou obcecado –, podemos dizer que o saudável cede lugar ao doentio.

Amar Este ou Aquele é, na verdade, tentar amar alguém verdadeiramente. Bela não encontrou o sentimento com Este, partiu e tentou com Aquele, o que não foi possível uma

vez mais. Entre Albertos, Antônio e Mários – “Beijos d’amor que vão de boca em boca, / Como pobres que vão de porta em porta!...” (Para quê?!, 1999) – não encontrou um amigo, não encontrou um amante e abriu espaço ao amor pela morte – “E os meus vinte e três anos ... (Sou tão nova!) / Dizem baixinho a rir: Que linda a vida! / Responde a minha Dor: Que linda a cova!” (Dizeres Íntimos, 1999).

Tempo que passa, que não obedece a nada nem a ninguém. É inimigo de Narciso: vence a juventude, presenteia o ser humano com a maturidade, mas leva consigo o que é belo – “Sinto-me alegre e forte! Sou menina! / Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina... / Pele doirada de alabastro antigo / frágeis mãos de madona florentina” (Passeio no campo, 1930). A beleza e o vigor da juventude são trocados por uma sabedoria adquirida pelas experiências da vida.

Os amantes que passaram pela vida da poetisa não estavam de acordo com a sua concepção de amor e aspirações. Não havia reflexo, pois a luz era absorvida pela opacidade de suas imagens: homens violentos, pouco cultos, frios, metódicos e sem nada de galanteio (MARTINS, 1990). É provável que Bela se arrependa de todos os sorrisos que tenha dado a eles – “E é tudo sempre o mesmo, eternamente... / O mesmo lago plácido, dormente” (Tédio, 1999).

A morte passou a ser símbolo de libertação, “rodeia-a como um amante ciumento” (BESSA-LUÍS, 1984:146), uma forma de vencer o desencontro amoroso, caminho único para vencer a tragédia de não ter conseguido amar – “Eu não gosto do sol, eu tenho medo / Que me leiam nos olhos o segredo / De não amar ninguém, de ser assim!” (A Minha Tragédia, 1999). Não amou porque não encontrou um homem capaz de suprir o vazio que consome o ser em dor. Ou, ainda, por que amou-se demais e não conseguiu perceber o Outro? A luz solar é capaz de desvendar este segredo mascarado na escuridão do seu

íntimo, do fundo do lago de Narciso. Os raios penetram o interior das águas, deixando-as cristalinas – “Água azulada a cintilar nas fontes...” (Passeio no campo, 1930). A máscara do *Don Juan* cai.

Florbela teme a luz do sol, *Don Juan* usa sua máscara e Narciso não percebe o que há no fundo do lago: resultado de não poder viver um grande amor, abraçar, beijar e se entregar ao Outro intensamente – “...viver neste mundo sem amar / É pior que ser cego de nascença!” (Frieza, 1923). Uma vez que entregar-se é descobrir plenamente o Eu, a Flor reconhece sua raiz, talo, folhas e pétalas, mas desconhece o fruto... o fruto do amor:

“ O sexo é a raiz, o erotismo é o talo, e o amor, a Flor. E o fruto? Os frutos do amor são inatingíveis. Este é um dos seus enigmas” (PAZ, 1993:37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *donjuanismo* pode ser visto por ângulos distintos. O primeiro se caracteriza através da conquista pela conquista, pela satisfação dos instintos sexuais, em que o Outro não possui valor algum, sendo considerado apenas como um corpo sem alma, uma forma de chegar ao prazer.

Don Juan, em “El Burlador de Sevilla” (2002), de Tirso de Molina, diz que é um homem sem nome (MOLINA, 167), ou seja, um homem, um sexo, que seduz e engana o Outro – “te prometo ser tu esposo (...), pues hoy prendes con tus cabellos mi alma” (Idem, 219/220) – com promessa de amor eterno e união. A promessa de casamento é, para ele, uma forma de iludir a sua vítima, que será apenas um meio de saciar seu desejo de infinito, revigorando sua energia para uma nova conquista e, ao mesmo tempo, reforçando a auto-estima do Narciso que o habita.

O mesmo ocorre no *Don Juan* de Molière (1994), que aspira a seduzir Carlota através de falsas palavras: “Os amo, Carlota, tal como se debe amar. Y, para que veais la verdad de que os digo, sabed que mi única intención es casarme con vos (...) dadme un besito” (MOLIÈRE, 24/25).

Por outro lado, o *donjuanismo* pode representar uma marca de humanidade quando o que acontece é a procura pelo amor, sentimento demasiado profundo que ninguém sabe explicar... É algo supremo que se desperta no interior do ser humano, sem hora para chegar, nem data para partir. Simplesmente entra e invade o coração dos seres sem avisar O *donjuanismo* de Florbela Espanca é sinônimo de busca com o propósito de encontro,

embora isto não ocorra durante a sua vida – “Talvez seja a alma, a alma doente / Dalguém que quis amar e nunca amou!” (Alma perdida, 1919) .

O tema amor, apesar de universal, pode ser difícil de ser explorado, uma vez que é a essência do ser humano e nem sempre conseguimos exteriorizar os sentimentos que estão em nosso interior: muitas vezes não somos capazes de entender a nossa paisagem. Rer nossos poemas favoritos é um meio de refletir sobre alguns fatos da vida. Nos identificamos através da poesia e percebemos que os sentimentos do Outro são semelhantes aos nossos: seus anseios, desejos e aspirações – “Contei-lhes os meus sonhos, a alegria / Dos versos que são meus, do meu sonhar” (Torre de Névoa, 1919).

A Bela poetisa, em versos, expressou que deseja amar, amar perdidamente. “Este, Aquele, o Outro e toda a gente” refletem a sua busca interminável. Não foi possível com Este, mas talvez será com Aquele e Bela percorre os caminhos com a esperança de encontrar o *Prince Charmant*, uma característica comum aos seres humanos. Assim somos, buscamos a felicidade ao lado deste e, se não encontramos, partimos acreditando que iremos encontrá-la ao lado daquele. Seríamos todos “*Don Juans*” ao desejarmos o Outro? Considerando que a busca é uma marca de humanidade, podemos dizer que somos apenas humanos ao desejá-lo.

Partir dói. Quando o Eu parte para uma nova conquista, leva consigo uma parte, ainda que pequena, do ser com quem esteve, assim como deixa um pouco de si. Estar com Este é distinto de estar com Aquele. Cada um tem as suas peculiaridades e pode ser especial estar com um certo Alguém, assim como ele pode não significar nada, sendo apenas mais um vazio, um buraco no caminho.

A Flor acredita que será regada com a pureza do amor, ainda que isto signifique tocar a alma de muitos Outros. Entretanto, esse dia nunca chega... e a fraqueza predomina, pois a sua alma há tempo não é revitalizada. Não ama, não se revitaliza; não recebe o calor do sol, nem o frescor da água – “O sol morreu... e veste luto o mar...” (As minhas ilusões, 1919). O corpo não é mais forte o suficiente para trilhar os caminhos e a morte, a partir de então, passa a ser um símbolo de libertação. Florbela pode ter “partido de sua vida” não por estar envolvida pela idéia fixa de encontrar um príncipe, mas pelo fato de não ter mais forças para continuar com a procura – “À flor das ondas, num lençol de espuma / As minhas Ilusões, doce tesoiro, / Também as vi levar em urna de oiro, / No mar da Vida, assim... uma por uma...” (As minhas ilusões).

Bela é corajosa, pois grita a todos os cantos do mundo a sua insatisfação. A ânsia de Flor é intensa, mas não ultrapassa o limite do desejo humano. Sente dor e a exterioriza através da poesia “Sonho que um verso meu tem claridade / Para encher todo o mundo! E que deleita / Mesmo aqueles que morrem de saudade! / Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!” (Vaidade, 1919). Não disfarça, nem esconde seus sentimentos, pois eles são verdadeiros; não sente vergonha de si mesma e admite o mal que a acompanha, o desencontro amoroso. Dividir o tormento é uma forma de amenizá-lo.

O erotismo, que provém do amor, da mesma forma que o *donjuanismo*, é um traço que caracteriza os homens. Em alguns floresce de forma intensa, como acontece com a Bela Flor, que poetiza seu instinto erótico. Desabrocha em Flor, um ser singular, repleto de sensações e anseios que são expressados através do seu fazer poético: “O poema é medição. Graças a ele o tempo original vai dos tempos, encarna-se no momento (...) Pois o poema é

via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo, perpetuamente criador” (PAZ, 1982:30/31).

É através do ritmo que podemos perceber a essência do poema e seu significado; podemos *ler* o que o poeta quer dizer, ler o mundo, ler o outro; *compreender* o que o poeta quer dizer, compreender o mundo, o outro e, principalmente, tentar compreender a nós mesmos, a nossa singularidade. Somos ritmo, suave ou não, somos compostos por ritmo, ainda que implicitamente: a expressão do ritmo poético é a expressão do homem – “Sonho que sou a Poetisa eleita, / Aquela que diz tudo e tudo sabe, / Que tem a inspiração pura e perfeita, / Que reúne num verso a imensidade !” (Vaidade, 1919).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *As Cores do Crepúsculo*. São Paulo: Papilus, 2001.

BESSA-LUÍS, Agustina. *Florbela Espanca, a vida e a obra*. Lisboa: Guimarães Editores, 1984.

BOCCALATO, Marisa Mikahil. *A Invenção do Erotismo*. São Paulo: Experimento, 1996.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Literária*. Rio de Janeiro: Ed. da UNB, 1997.

DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e Literatura*. São Paulo: Ática S/A., 1986.

ESPANCA, Florbela. *A mensageira das violetas: antologia*. Seleção e edição de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1999. (Pocket).

_____. *Sonetos*. Amadora, Portugal: Bertrand, 1978.

_____. *Sonetos Completos*. Edição com estudo crítico de José Régio. Amadora, Portugal: Bertrand, 1981.

FAFE, José Fernandes. *A Alteridade Portuguesa*, in: *Portugal, meu remorso de todos nós* (144 – 149). Lisboa: Caminho, 1993.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

KLEIN, Melanie. *O Sentimento de Solidão*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1971.

MARAÑÓN, Gregorio. *Don Juan - Ensayos sobre el origen de su leyenda*. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S/A., 1947.

MOLIÈRE. *Don Juan*. Barcelona: Editorial Planeta, 1994.

MOLINA, Tirso de. *El Burlador de Sevilla*. Madri: Catedra, 2002.

MORIN, Edgar. *Amor, Poesia, Sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NIETZCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano – Um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ORGE MARTINS, Maria da Graça. *Sonetos de Florbela Espanca*. Ulissea, 1990.

PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. RJ: Nova Fronteira, 1982.

_____. *A Dupla Chama Amor e Erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

PLATÃO. *O Banquete*. Lisboa: Guimaraens, 1986.

THIBON, Gustave. *Sobre el amor humano*. Madrid: Patmos, 1955.

